

# Estou de máscara, mas estou sorrindo

— WANESSA RODOVALHO —  
MELO OLIVEIRA

intransitiva  
• revista

HERANÇAS QUE RECEBEMOS, LEGADOS QUE DEIXAMOS (V. 5, N. 2, 2021)

# Estou de máscara, mas estou sorrindo

Wanessa Rodovalho Melo Oliveira

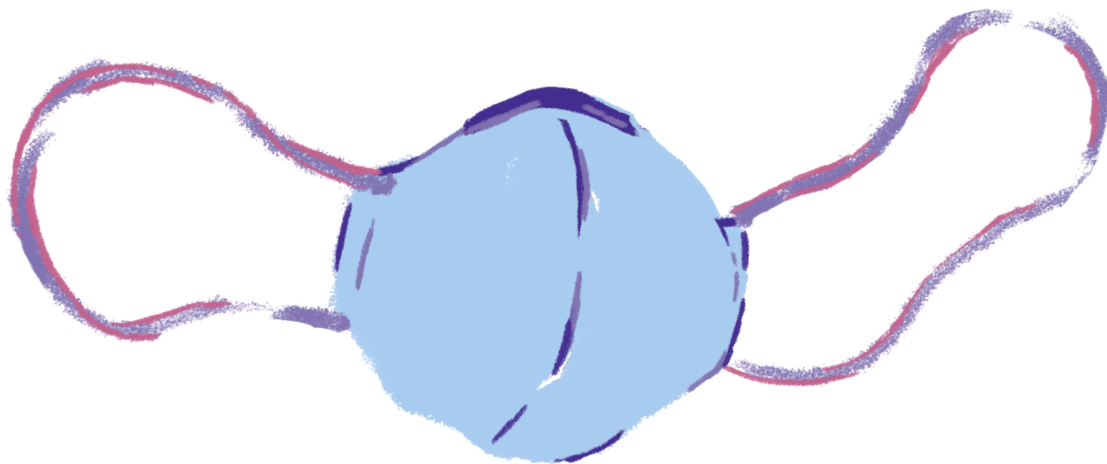
Já são oito horas da manhã e Maria parte para a próxima etapa de serviço. Fez o café, comprou pão fresco, deu um beijo em cada criança, Marcelo, Mayara e Maycon, e logo está pronta para sair. Hoje a faxina é na casa do seu Zé.

Nem parece que Maria trabalhou a noite toda, mas o radinho está ligado. Talvez para não ouvir os seus pensamentos. Entre uma limpeza e outra, ela enxuga as lágrimas ao se lembrar dos acontecimentos da noite passada.

Após a faxina, Maria passa na venda para comprar a mistura e garantir a janta das crianças.

Deitar-se, descansar e desligar, quase impossível para quem tem pouco tempo e muita responsabilidade, e, às 18h, inicia o plantão. Agora, Maria, técnica em enfermagem, se depara com outra rotina. Sempre ao começar seu trabalho, uma insegurança toma conta do seu peito, porque nunca se sabe quantos pacientes faleceram durante o dia.

O número de mortalidade tem sido alarmante desde que começou a pandemia causada pela Covid-19. Os funcionários da saúde, em especial os que trabalham em hospitais, estão esgotados, e o cenário, a cada mês, só piora.



Maria perdeu seu esposo no primeiro ano da pandemia. Ele era motorista de ambulância em sua pequena cidade, estava na equipe à frente do combate à Covid-19. Sua missão era levar os pacientes contaminados para a capital, em busca de melhores recursos.

Um dia, o seu estado de saúde se agravou, mas não tinha ambulância disponível para levá-lo ao hospital da capital. Todos os colegas ajoelharam-se em clamor, mas a ambulância não chegou a tempo, e quem sempre teve disposição para ajudar a salvar vidas, infelizmente, não teve recurso.



Maria, desde então, se desdobra para cuidar dos filhos. Faz faxinas durante o dia para ajudar a complementar o salário tão baixo que recebe, e, durante a noite, sua função é tentar amenizar as dores dos pacientes e consolar os seus corações com palavras de esperança.

Ricardo internou nesta madrugada, sua situação é crítica. Ele chora porque tem medo de ficar internado e não voltar à sua família. Um homem de 43 anos de idade, em seu desespero, relata arrependimento, pois estava com sintomas, e, mesmo assim, fez uma festinha de aniversário para seu filho de um ano. Como achou que não era nada, apenas uma gripe, transmitiu o vírus para seu pai, sua tia e seus dois irmãos. Um veio a falecer, e, agora, Ricardo chora, porque poderia ter evitado tudo isso.

Maria segura a sua mão e diz que vai dar tudo certo. Ricardo se preocupa com os demais que estão ao seu redor, sempre pergunta por sua família, mas tem piorado a cada dia. Seu pulmão está comprometido, e Maria, percebendo a situação, pede calma e paciência a ele.

Cada paciente é uma história, uma emoção e um dilema. Embora o cansaço esteja visível aos seus olhos fundos, marcados pelos desgastes de, às vezes, ter que cobrir plantão de alguma colega, Maria vivencia a dor de cada internado.

Em uma das noites de expediente, Ricardo está muito mal, clinicamente muito grave, e, percebendo que será entubado, pede para fazer uma chamada de vídeo para a sua família. Mas o enfermeiro chefe não permite. Maria, assistindo àquela cena, sabia que poderia ser a última vez que ele conversaria com sua esposa; pede insistentemente ao médico que realize o pedido do rapaz.

O médico, sensibilizado com a situação, permite. Logo, Maria pega um celular, e Ricardo tem a oportunidade de se despedir de sua família. A vontade de chorar e o medo de rever o sentimento ao perder seu esposo fazem Maria lembrar o luto que viveu há tão pouco tempo.

Ricardo pede que Maria o acompanhe até a UTI. Com o dia a dia, os únicos amigos que os pacientes têm são os médicos e as enfermeiras. Pelo corredor, ele aperta ainda mais a pequena mão de Maria. Talvez essa seja a última vez que ela o verá e, mesmo assim, diz para ele ter fé e lutar por sua vida.

Agora, Maria não pode ficar com ele; está ainda mais sozinho. Ir embora e deixar tudo isso como se existisse um botão para desligar a mente e recarregar toda energia, infelizmente, não é possível. Depois de 21 dias entubado, Ricardo se recupera aos poucos, e a primeira pessoa que o recebeu, quando saiu da UTI, foi Maria, que disse:

— Estou de máscara, mas estou sorrindo para você.

O sentimento de alívio ressurgiu no coração de Maria, e, novamente, a esperança se renova e dá energia para ela prosseguir nessa saga do amor à profissão, na luta pela vida e na crença de que sempre é possível fazer alguma coisa para aliviar a dor das pessoas.

Essa é a história de Maria, uma mulher batalhadora, forte e mãe, mas poderia ser a de Marta, Rosana e de tantas outras que prevalecem na esperança de deixar um legado de amor e fé, marcando a vida de seus pacientes com carinho e dedicação em sua missão de enfermagem. Uma mãe valente que esquece o cansaço físico para dar o seu melhor no sustento de seus filhos. Essa é a mulher brasileira.

## Sobre a autora

Doutoranda em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Especialista em Didática e Metodologia da Educação Básica e Superior pela Faculdade de Educação de Costa Rica, e graduada em Letras – Português/Espanhol e suas respectivas Literaturas pela Universidade Católica Dom Bosco. Atualmente, é professora da rede estadual de ensino de Mato Grosso do Sul e amante do universo literário.